

RESENHA

VIANA, Dimir. *Teatro do Oprimido na educação de jovens e adultos*. Curitiba: Appris, 2016.

O Teatro do Oprimido aplicado à educação

ANTONIO CARLOS FIGUEIREDO COSTA*

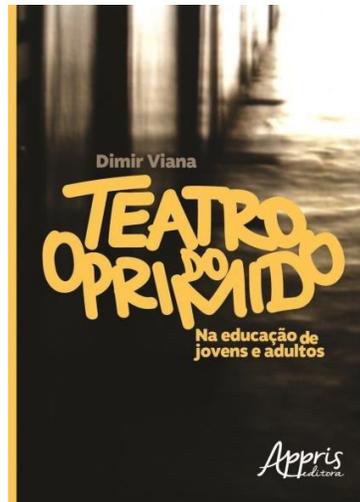
O Teatro do Oprimido revolucionou o cenário das artes cênicas a nível mundial. Surgiu na América Latina, a partir das experiências de Augusto Boal no Teatro de Arena no Brasil dos anos 1960, e espalhou-se por países de culturas tão diversificadas quanto Moçambique, Guiné-Bissau, Estados Unidos, Angola e Sudão, entre outros. Trata-se de uma poética de inspiração libertária que mantém nítida afinidade com a estética marxista, no que foi inclusive influenciado pelos cogitos deixados nas obras literárias dos grandes mestres da 2ª arte, como Constantin Stanislavski, Erwin Piscator e Bertolt Brecht. Tendo Augusto Boal como sua personalidade emblemática – *quod creaturae creator* – o Teatro do Oprimido oferece amplas possibilidades de aplicação de sua teoria e métodos nas diversas áreas onde a sociabilidade humana se faz presente. Dentre os seus territórios de maior potencialidade heurística encontra-se a Escola.

Foi com esse intuito que o educador social, pedagogo e ator Dimir Viana se propôs a encarar o desafio de pensar o Teatro do Oprimido no ambiente educacional, voltado a um público de jovens e adultos, escolhendo como forma prioritária para a tarefa, uma investigação sistemática em meio à qual foi lavrada uma dissertação de mestrado

em

Educação, texto que se apresenta agora na forma de livro, com ligeiras alterações àquele apresentado à banca examinadora, para conhecimento de um público maior.

Além do apuro e elegância com que o texto foi alinhado, um dos méritos do trabalho desenvolvido por Dimir Viana apresenta-se realçado na acuidade teórica com a qual captou, e que nos apresenta com clareza didática, para tornar clara a relação intrínseca existente entre a proposta teatral formulada por Augusto Boal e a pedagogia propagada por Paulo Freire. O texto estampado por Dimir Viana revela, portanto, uma relação orgânica entre o Teatro do Oprimido, exposta por Boal no seu texto-manifesto *Teatro do Oprimido* e outras poéticas políticas, referência teórica central para essa forma de teatro, e o processo educativo conforme articulado por Paulo Freire, em sua obra tão lapidar quanto paradigmática, a *Pedagogia do Oprimido*. Outro dos muitos méritos que acabam impressos nesse trabalho de Dimir Viana, é o fato do autor transitar, em virtude de sua formação eclética, pelos espaços da Educação e das Artes com rara desenvoltura. Assim, ele traça um breve, porém elucidativo esboço, em perspectiva histórica, entre a



tradição teatral do Oriente e a Ocidental, para, detendo-se nesta última, apontar que houve em certo momento do seu desenvolvimento, uma espécie de derrapagem nos rumos das práticas teatrais, como exemplificado no método coercitivo teatral proposto por Aristóteles, onde caberia à plateia, unicamente a catarse, momento inicial das muitas barreiras antepostas entre as manifestações teatrais e a figura do espectador. Nesse sentido, o Teatro do Oprimido representa uma proposta – conforme nos apresenta o autor – revolucionária, na qual o sistema curinga, herdado aliás do Teatro de Arena, oferece uma espécie de núcleo duro teórico de todo o trabalho nessa forma de teatro. Após esse desenvolvimento inicial, o prosseguimento da obra permite a que Dimir Viana mobilize argumentos que tomam como ponto de partida o entrelaçamento que de maneira fundamentada – Dimir Viana chega a traçar um quadro sinótico dos mais interessantes acerca dos pontos de ligação que podemos encontrar entre as ações socioeducativas da Pedagogia do Oprimido e do Teatro do Oprimido – para defender a similitude de intenções entre a pedagogia do oprimido e o teatro do oprimido. Termos como oprimido e opressor circulam em profusão, tanto pela obra de Freire, quanto na de Boal. No entanto, se na lavra de Paulo Freire, opressor e oprimido são tratados sob destaque à luz da teoria de Marx e Engels, os quais em última instância sumariaram a luta de classes como sendo uma oposição entre opressores e oprimidos, para Boal, oprimidos seriam todos aqueles indivíduos da sociedade portadores de algum tipo de barreira, seja essa de natureza social ou psíquica. Oprimidos para Augusto Boal, conforme ressalta Dimir Viana, seriam aqueles aos quais foi subtraído o direito

à palavra, à livre escolha, à livre expressão. Oprimidos seriam então aqueles aos quais foram retirados seus territórios de atuação, ou seja, os meios ecológicos a que desenvolvessem suas potencialidades na força da sua cultura de origem. Porém há de ser assinalado que a metodologia proposta pelo Teatro do Oprimido, propõe que em sua dinâmica de atuação, o oprimido possibilite subsidiar meios a que o opressor venha também a se libertar desse papel. Com base nesses fundamentos, o autor decidiu eleger epistemologicamente as potencialidades heurísticas da aplicação de técnicas do Teatro do Oprimido nas Escolas voltadas à educação de jovens e adultos.

Se a proposta contida no Teatro do Oprimido é a de promover o diálogo dentro de uma ação prática, ou seja, a manifestação teatral, as técnicas desse teatro levadas às escolas, aparecem, segundo Dimir Viana, enquanto possibilidade de emancipação no ambiente escolar que, afinal aparece em tantos autores – lembremos de Louis Althusser ou Paul-Michel Foucault – como disciplinarizador de corpos e mentes, senão opressoramente ideológico. Assim, os joguexercícios – criteriosamente organizados por Dimir Viana para aplicação no EJA – componentes das técnicas do Teatro do Oprimido permitem compor, juntamente com o Teatro Jornal, o Teatro Invisível e o Teatro Imagem, entre outros, o arsenal metodológico do Teatro do Oprimido, em processo criativo e democrático. Situações de opressão como abusos sexuais de crianças, jovens, mulheres e adolescentes, violência policial, drogas e todo tipo de assédios, morais ou não, vividos com maior carga de dramaticidade na vida das populações periféricas, via-de-regra o público-alvo estudantil do EJA,

podem ser então tratados com liberdade, sem tabus ou mistificações.

Após a leitura desse livro de Dimir Viana, possivelmente o leitor ficará tentado a realizar seu cogito acerca das várias outras aplicações possíveis do Teatro do Oprimido. Em vista dessas alegadas razões, parafraseando Marx,

talvez possamos dizer que nada do que é humano, é estranho à filosofia que preside o teatro do oprimido.

Recebido em 2018-07-10

Publicado em 2018-10-09



* **ANTONIO CARLOS FIGUEIREDO COSTA** é Doutor em História pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professor do quadro de efetivos da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), pertencente ao Departamento de Educação e Ciências Humanas da Unidade Ibirité - UEMG. Professor de História nas disciplinas História da Educação, Teoria e Metodologia da História - I (CMC-I História), História e Cultura Afro-Brasileira e Tópicos Especiais em História do Brasil.